



UnB

Universidade de Brasília

Instituto de Letras

Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas

JOÃO WAGNER FERREIRA DIAS

**CIDADE DE DEUS: UMA INTERPRETAÇÃO SOCIAL DO CRIME NO BRASIL, NA
PERSPECTIVA DO REALISMO BRASILEIRO**

Brasília - DF

2021

JOÃO WAGNER FERREIRA DIAS

CIDADE DE DEUS: UMA INTERPRETAÇÃO SOCIAL DO CRIME NO BRASIL, NA
PERSPECTIVA DO REALISMO BRASILEIRO.

Trabalho de conclusão de curso apresentado ao Departamento de Linguística, Português e Línguas Clássicas da Universidade de Brasília como requisito parcial para obtenção do título de Licenciado em Letras – Língua Portuguesa e Respectiva Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Deane Maria Fonsêca de Castro e Costa

Brasília - DF

2021

*Eu dedico este relatório a todo o corpo docente e discente do Brasil, seja público ou particular, que mostra o quanto a docência é essencial para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária. Dedico também a todos os profissionais de saúde na linha de frente da Covid-19, que deixam suas famílias em casa para salvar vidas, e às, neste momento, 650 mil vítimas da Covid-19, em especial, **Armando Braga do Nascimento** (in memorian), funcionário de carreira da UnB, pai e avô, vítima dessa terrível doença. Dedico ainda a Ildeberto Ferreira Dias, Lázara Antônia Dias e Thiago Bruno Sabino de Sousa (in memorian).*

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a Deus, aos meus pais, minha família, meu irmão, Valdez Ferreira Dias, meus vizinhos, Jandson e Aldimara, Antônio e Mara, e a Dona Maria. Pessoas que sempre me ajudam bastante, como Helena Teixeira, Ednaldo Carlos e Elaine Teixeira. Agradeço também aos meus colegas, à UnB, por ter me dado esta oportunidade tão incrível e vasta no universo da educação, às professoras, Deane Costa e, também coordenadora, Jane Castro, além de todo o corpo de funcionários da UnB, que sempre procurou ajudar a todos que buscam assistência.

Gostaria de fazer um agradecimento especial ao pessoal das Big Techs do Vale do Silício (Facebook, Twitter, Instagram, Google) porque, se não fossem vocês, com certeza, passar por essa pandemia seria bem mais difícil.

“Diante da vastidão do tempo e da imensidão do universo, é um imenso prazer para mim dividir um planeta e uma época com você.” — Carl Sagan

“A educação não transforma o mundo. Educação muda as pessoas. As pessoas transformam o mundo.” — Paulo Freire

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS.....	6
2 DISCUSSÃO	12
3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	17
REFERÊNCIAS.....	18

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Podemos dizer que o conjunto habitacional da Cidade de Deus (CDD) é um misto de Matrioska e caleidoscópio social e, muitas vezes, para a convivência ser um tanto quanto harmônica nesse ecossistema social, foi preciso dançar com o Diabo na Cidade de Deus.

Cidade de Deus traz um panorama sofisticado sobre a vida em uma das regiões mais pobres do Rio de Janeiro, um microcosmo de alguns dos maiores – e mais perenes – problemas do país. Com estilo peculiar e ousado, o autor, Paulo Lins, constrói um cenário que ainda hoje dialoga com a realidade dos moradores das comunidades cariocas e brasileiras em geral. Baseado em fatos, o romance trata de juventude, tráfico, governo paralelo, extrema pobreza e todas as formas de violência que assolam a Cidade de Deus, e aponta os atores que participam dessa grande engrenagem, que é o contexto social do Rio de Janeiro.

A Cidade de Deus é um ambiente em que diversos universos e vivências colidem, e desse choque surgem Cordilheiras, como o Monte Everest. Uma vez que, na obra de Paulo Lins, é quase impossível o encontro entre os personagens não resultar em transformação, é provável que muitas vezes nos peguemos refletindo: Por que o sertanejo não tem uma sensibilidade apurada? Por que o periférico frequentemente dá vazão ao seu instinto em certas ocasiões?

A Cidade de Deus é assentada na planície, desse modo, constitui um conjunto habitacional à parte da geografia da cidade do Rio de Janeiro. Como o grande rapper MV Bill diz, “o papo na Cidade de Deus não faz curva, aqui o papo é reto”. Em seu romance, Paulo Lins conseguiu absorver o universo das pessoas que faziam parte da Cidade de Deus, como os imigrantes nordestinos e suburbanos que buscavam um lar, pois o Brasil nunca teve uma política habitacional decente. Assim surge a Cidade de Deus, que, de outras culturas, fez a própria linguagem, advinda de um Rio de Janeiro suburbano, nordestino, dos desassistidos, dos maus e dos bons, de todo o universo do homem periférico, de um tempo em que a religiosidade dos fiéis era tão cotidiana como um dia de sol no verão.

Fazendo uma analogia com as águas, a Cidade de Deus é um romance como um rio abastecido por seus afluentes. A história da cidade/conjunto habitacional e seus moradores foca em três principais personagens: Cabeleira, Bené, e Zé Miúdo. Com os acontecimentos que se desenrolam na trama, o choque de cultura e de conceitos

entre si se torna algo inevitável. São esses personagens que marcam presença na história da Cidade de Deus e, nessa obra em específico, Paulo Lins inclui uma gama de personagens com características importantes para a dinâmica do enredo desenvolvidas ao longo do romance.

É possível sistematizar os acontecimentos da obra em três partes. A parte um, intitulada “A história de cabeleira”, é a narrativa sobre a ocupação da Cidade de Deus e a formação das quadrilhas, em que há estranhamento de sotaques, porque a CDD (alcunha dada pelos moradores) é uma concha de relho cultural. Nessa parte, os personagens Busca Pé e Barbantinho nos apresentam a crua realidade da CDD, em especial o consumo de drogas e o dialeto particular dos moradores. Se levarmos em consideração o modo de viver e o estilo de cada um, podemos dizer que, dentro da cidade, havia um universo paralelo de ideias e vivências. Isso porque o Estado colocou diversas pessoas em um mesmo lugar, o que quase resultou em um colapso. Contudo, antes do declínio, originavam-se histórias possivelmente belas, trágicas e motivadoras desses três personagens.

Há pouca participação da polícia na vivência dos moradores da CDD; ela é efetiva, porém, de forma violenta e implacável ao eliminar os criminosos. Muitas vezes, esses criminosos representavam incômodo e referência aos jovens dessas comunidades longínquas da década de 60 no Rio de Janeiro. No entanto, isso não impossibilitou a germinação de sonhos nesse ambiente tão inóspito que é a Cidade de Deus. Nessa primeira parte, a ambição é individual, e a relação com as drogas está ligada ao consumo pessoal. O que motiva a criminalidade dos bandidos é a vontade de realizar um grande assalto e viver o resto da vida em estilo nababos cariocas, como os burgueses, pois a vida na comunidade não era fácil.

A segunda parte conta a história de Bené e foca no comando e na sistematização do tráfico com o surgimento de uma nova leva de criminosos, o que afeta negativamente a comunidade. Antes, havia bandidos que constituíam um atempo romântico para a bandidagem e a comunidade. Agora, não há mais nada que possa impedir o processo que conduz muita gente ao crime, até porque as drogas e as armas pesadas começam a fazer parte do cotidiano da Cidade de Deus. Zé Miúdo (Zé Pequeno) era implacável na bandidagem e, sempre que podia, demonstrava sua força através da brutalidade. Há uma passagem no livro em que Zé Pequeno, com apenas 10 anos de idade, teria matado alguns casais em um assalto em um motel. Posteriormente isso se torna uma lenda dentro da própria CDD. As atitudes de Zé

Pequeno e a narrativa da obra são frenéticas e cruas desde o início, conseqüentemente, Cidade de Deus choca o leitor em muitos momentos, o que torna o livro mais instigante. Em outra parte, Zé Pequeno quer matar Mané Galinha, mas Bené não permite, deixando Zé Pequeno possesso, devido ao estupro de sua noiva. Mané Galinha era cobrador de ônibus, porém ele entra para o mundo do crime após o episódio com Zé Pequeno. Mesmo com a criminalidade, o caldeirão cultural floresce na Cidade de Deus, com samba e música de todo os gêneros, como, por exemplo, o famoso duo Mc Cidinho e Mc Doca, que fizeram dois hinos das comunidades brasileiras, são eles: o “Rap da Felicidade”, um funk tradicional carioca; e a música Morro do Dendê, também conhecido como “proibidão”, uma versão brasileira do narco corrido mexicano e do Gangstar Rap americano. Essas músicas narram como o povo dessa comunidade foi passando por essas transições através dos anos, e, na convivência entre a doçura e a selvageria, encontrou-se um equilíbrio, assim como a terra concilia-se entre o sol e a lua.

O modo como Cidade de Deus retrata os seus moradores é algo a se admirar, uma vez que os moradores têm ambigüidades trazidas de outras vivências. Nem sempre isso se traduz em uma boa convivência, o que pode gerar choques, como no caso do convívio de evangélicos com traficantes, em que muitas vezes, em comunidades, a maldade da criminalidade, como significar uma chancela da fé em demonstração de uma determinada congregação perante os seus fiéis, o mesmo podemos equiparar no quesito bandidagem, em especial na Cidade de Deus. Zé pequeno, antes de assumir, é visto fazendo um pacto para “fechar o corpo”. Sua luta contra os samangos policiais ganhou um retrato mitológico, onde achado confronto onde nação sai ferido e vivo, sua fama só aumentava na medida que seu poder se espalhava pela Cidade de Deus. Paulo Lins mostra os personagens em situações que muitas vezes não queriam estar, como o caso de Mané Galinha, que era trabalhador e buscava ter uma vida melhor, mas, devido aos episódios brutais que a Cidade de Deus o coloca, acaba absorvido pela violência e segue a sina do confronto. A morte se torna corriqueira como o sol no verão escaldante do Rio de Janeiro.

No romance de Paulo Lins, os personagens muitas vezes estão divididos em vários cenários e com o passar do tempo a Cidade de Deus se dividiu em cinco áreas: Lá em Cima, Lá na Frente, Lá Embaixo, Lá do Outro Lado do Rio e Os Apês. A obra mostra o quanto isso é levado ao extremo da emoção de poder e à catarse, em que

as emoções como maldade, bondade, amores e esperança estão sempre à flor da pele.

A forma como Paulo Lins formulou a obra com o narrador descritivo em terceira pessoa, como uma espécie de documentário, trouxe a situação diante de nossos olhos e nos deixou incrédulos com a tamanha “cruza” dessas situações. A comunidade é um organismo só, ao mesmo tempo tão diferentes. Apesar de presos ou fugitivos, alguns parecem não querer cortar o cordão umbilical com a Cidade de Deus, ou CDD para os mais íntimos.

A fórmula para sair das situações mais escabrosas no romance de Paulo Lins são diferentes para cada personagem. A mulher do Paraíba leva o amante para a própria casa, mas acaba sendo pega e tem o fim trágico; Cabeleira vive escapando da polícia; e Bené sonha em ser fotógrafo e consegue passar incólume por vários personagens e lugares, satisfazendo a própria sorte e mostrando que a sorte favorece os destemidos, mas também protege os “covardes”. Afinal, o covarde conta a história de acordo com sua vontade; o bicho solto, como já encontrou a morte, nem pode dar a sua versão dos fatos. Como ele era constante na Cidade de Deus, principalmente quando em um embate sangrento; Zé Pequeno e Mané Galinha procuraram medir forças pelo confronto aberto, em que vence quem tem menos medo, ou quem menos bate de frente com a polícia.

Uma das grandes virtudes da obra de Paulo Lins, além de outras já listadas, é mostrar o quanto o Brasil é dividido, até na comunidade há esse dilema de ser o senhor de si mesmo, o dono da favela ou ter “vida de otário”, em que o reconhecimento é o dinheiro, que faz valer a pena arriscar-se. Afinal, muitas vezes “alguma coisa” já seria um prêmio para quem não tem nada, e Paulo Lins, ao explorar algumas características do Naturalismo, mostra que o indivíduo pode ser fruto do meio e já ter o seu destino traçado ao nascer.

Assim, quem mora na favela está sujeito a rotina violenta e não pode fugir de sua realidade – salvo algumas exceções mais dedicadas –, porque na obra de Paulo Lins o crime é sedutor, não tem como negar. As festas, as armas, as drogas, tudo é muito atrativo e traz prazeres que só eles podem comprar, seja na adrenalina, na troca de tiros ou nas festas em que o uso de cocaína e maconha são como uma válvula de escape.

Após a insistência em manter a luta contra os modos operantes da mesma violência que os guiou até ali, alguns se veem na necessidade de abandonar seu

ofício, que seria uma criminalidade, em muitos casos, poética no começo da história de Cabeleira, depois a de Bené, e vem intercalando com a de Zé Pequeno, que se impõe em sua comunidade pela brutalidade. Paulo Lins, em sua linguagem narrativa, mostra isso de uma forma que salta aos olhos e até materializa algumas sensações.

A Cidade de Deus é o Triângulo das Bermudas da época, onde muitos se perdem e poucos se acham. O autor nativo da comunidade teve o cuidado de fazer um trabalho de pesquisa interessante e muitos dos protagonistas da obra realmente existiram, são atores de verdade em uma obra que é um misto de realidade e ficção. Esse Ying Yang social, que insiste em muitas vezes nos apresentar um Rio de Janeiro longe dos seus cartões postais, é o retrato de canto da sociedade brasileira.

Por mais que na literatura contemporânea exista relutância em usar o termo do banditismo, fica cada vez mais impossível não abordar a forma como isso se consolidou, até mesmo como recurso. Isso porque, com o passar do tempo, a “literatura marginal” (formada por outros nomes e, atualmente, com nomes como Ferréz, Sérgio Vaz e posteriormente o próprio Paulo Lins) mostra que o enredo das narrativas sociais é muitas vezes cru ao extremo e intenso até para os padrões convencionais: a vida já dura do povo das periferias e subúrbios do Brasil.

Poderíamos também incluir nesse enredo cenários um pouco mais hostis, como os “alagados” que ocorrem pelo Brasil e que, além da pobreza já latente em época de cheia, aumentam o perigo consideravelmente. Mas, voltando para o cenário da Cidade de Deus e dos circuitos sociais que fazem faíscas voarem por todo o cenário do Rio de Janeiro, no meio dessa briga os moradores da comunidade não conseguem se descontraír ou mesmo sofrer, porque em suas rotinas os homens e mulheres da periferia não têm tempo para isso, afinal, na vida difícil da Cidade de Deus “os fracos não têm vez”. No decorrer do romance, a narrativa possui *flashes* semelhantes à linguagem utilizada pelo cinema. Mortes desencadeiam outras mortes, e assim os personagens vão interagindo e nem se dão conta de que estão sendo levados para um local onde não há redenção, mostrando que no meio onde vivem é quase impossível passar incólume por essa influência do crime e da pobreza. Mas também tem personagens que entram para curtir o “*hype*” e o romance de Paulo Lins. É bem claro que muitas vezes não há brecha para erros, pois estes serão cobrados pelas suas atitudes.

Com o advento das armas de fogo pesadas, a narrativa vai descrevendo, o que aumenta o sarrafo no quesito “confronto no Rio de Janeiro”, e mostra que muitas vezes

os inimigos ficavam distantes uns dos outros e, assim, poderiam ser alvejados. Muitas dessas vítimas eram indiretas na obra *Cidade de Deus*, em que as redes sociais nem pensavam em existir, e a fama vinha pelos feitos junto às comunidades e entre o respeito na bandidagem. E isso deixa o romance tenso, porque a qualquer momento o personagem principal pode se perder, assim como vários personagens secundários, mas a morte se torna algo corriqueiro e esse é o retrato um pouco espalhado pelo Brasil.

A reflexão a ser feita é que muitas vezes isso não é olhado como deveria pelas autoridades, e a literatura entra em campo para poder denunciar isso. Muito se pensa em como podemos melhorar a pobreza nas comunidades, mas poucos ajudam de verdade. Isso é usado a cada 4 anos, tanto nas eleições municipais como nas nacionais, caminhando no populismo. E, assim, nunca se procurou resolver esses problemas, mostrando que no modo como o romance do Paulo Lins é retratado se esvai com o passar do tempo, mas que se perpetua por décadas. Revela então que isso nunca tem um fim e o ciclo se perpetua e quase nunca acaba.

Acaba que, em alguns casos, isso se torna objeto de inspiração de estudos de antropólogos, sociólogos e escritores. Muitas vezes, a narrativa em *flashbacks* da *Cidade de Deus* transporta o leitor para vários cenários ao mesmo tempo. E esse é um processo que enriquece a história e mostra que o sentido dela não é linear, e sim um Labirinto do Fauno periférico.

2 DISCUSSÃO

Comumente na literatura marginal/social, a narrativa, em especial da Cidade de Deus, vai sendo o fio condutor pelo labirinto que orienta eles para todos os lados onde as situações se desenrolam. Isso diz um pouco sobre a origem do autor, que na narrativa de sua história pode atuar também com os cronistas das relações humanas, e com o passar dos anos a literatura seguirá retratando. Mas parece que não se muda essas mazelas, pois os atores são diferentes, mas o enredo é sempre o mesmo e independente de uma possível mudança. O acontecido não poderia ser apagado. Ele teria que ser documentado que, apesar de ser nocivo para o indivíduo e a comunidade da qual ele participa, poder-se-ia dizer que era uma resposta ao Estado que deixa seu povo largado à própria sorte.

Retratos sociais, surgidos desde os primórdios, mostram que a pobreza e a violência sempre estiveram e sempre estarão na literatura brasileira como marca de uma chaga, que é nossa e serve de inspiração para outras obras clássicas. Mas será que isso não poderia ser um pouco diferente?

Os questionamentos existem, porém, a verdade é que Paulo Lins, que fez dessa obra um marco na literatura (logo antes do filme, que se tornaria relevância mundial), traz à tona que o crime organizado não nasce à toa, ele é regado dia após dia.

A narrativa veio e deu uma dourada na realidade, e quando isso chega “ao asfalto” tenta demonstrar surpresa, mas grande parte da burguesia do Brasil fatura e se dá bem com as mortes que ocorrem. Seguindo essa estranha lógica, os burgueses se aproveitam também do álcool, das drogas e das armas vendidas na favela e, só vem a calhar que, muitas vezes, não se pode ter medo. Assim como o desespero pela vida difícil, como as mulheres da comunidade que temem pela morte de seus filhos e irmãos.

Tudo que Paulo Lins demonstra em sua obra também é uma reflexão sobre ela mesma, uma vez que, ela era da comunidade. Isso só mostra o quanto pode fazer diferença no relato, como um navegador, tendo a convivência que se torna a carta náutica do lugar, onde vivem muitas vezes no naturismo brasileiro. Antigamente, acontecia essa amostra da realidade com uma riqueza de detalhes, e isso poderia nos ajudar no modo como as narrativas se desenharam, chegando a um denominador comum de um gênero social/marginal.

Na convenção social em que a literatura é tratada, em alguns casos, o que se lê não é o que se aplica na realidade, diferentemente do cronismo da literatura marginal onde a realidade e a ficção são uma coisa só. Certas vezes a realidade influencia a ficção, então, o modo como isso é aplicado aos textos na medida do possível deve fazer com que tudo seja visto pelo seu olhar imparcial, sem tomar partido. Mas como não tomar partido em um lugar onde tudo deve ser repartido, senão se passa fome, e o crime influencia a população?

Paulo faz um retrato muito bom do Rio de Janeiro, em especial do nascimento do crime organizado, e teve um olhar para mostrar como aquilo cresceria. O Kraken (ser da mitologia grega em forma de lula) se tornou fora de controle. Até quando o Estado entrará nas comunidades para combater o crime sem planejamento? O autor mostra que, sem planejamento, os policiais são flagrados alvejando crianças e moradores da Cidade de Deus. Isso só mostra que o Estado é incompetente até para combater o crime. Por exemplo, o episódio da obra em que policiais tentam invadir a comunidade e acabam matando crianças na comunidade.

Casos como esse acabam por arranhar ainda mais a imagem da polícia, e mostram o cruzamento de relatos e a realidade de alguns policiais frustrados por servirem uma parte do Estado que não lhes interessa. Mas, se você olhar em alguns aspectos do Romantismo, ir no âmago das pessoas e mostrar o quanto pode ser desafiador querer refletir sobre sua condição como indivíduo. Como quando você tem que pensar na sua própria sobrevivência, seja trabalhando ou no crime. Porque na luta pela sobrevivência retratada por Paulo Lins, não há tempo para o indivíduo refletir sobre ser criança, adulto ou velho. Afinal, tudo o que move a roda da Cidade de Deus é a sobrevivência, e, muitas vezes, quem está à margem não tem opção, vai no embalo, ou acaba sendo empurrado por ela.

A “mão invisível” do mercado, das drogas, do trabalho, dos políticos inescrupulosos que aparecem para cumprimentar os moradores em época das eleições, deixando todos mentalmente com as emoções a flor da pele e aumentando a sua própria intolerância diante das situações cotidianas (na Cidade de Deus se fala muito em violência contra as mulheres, aonde o senhor chega do serviço, passa no bar e muitas vezes desconta na mulher). Com isso, segue-se o que se chama de ciclo da violência, em que o homem agride a mulher, a mulher agride as crianças, as crianças agredem os animais de estimação, e, na cidade de Deus, isso era constante.

A narrativa do romance de Paulo Lins, de uma realidade latente, serve citar uma observação interessante de outro membro da literatura marginal:

Paulo Lins escreveu o livro morando na boca de fumo da quadra 13, comia mal, dormia mal, e perdia um amigo todo dia, era estudante universitário em meio a tudo isso, ganhava meio salário-mínimo da Faperj, mas, como todo bom morador de favela, fazia a siviologia, dava aulas e vendia roupas de mão em mão. [...] Fez da sua arma uma caneta esferográfica que raja mais que as munições traçantes do Rio de Janeiro, traficou informação, montou enredo, pesquisou vivendo desde muito cedo. (FERRÉZ, 2013)

E isso bem foi retratado em um de seus personagens, que muitos dizem ser o seu *alter ego*, vulgo Buscapé, que demonstra o quanto eles falam com conhecimento de causa, do cotidiano desses moradores. Isso refletiu em outras obras com a mesma temática, que posteriormente viraram filmes, como o antagonista Tropa de Elite, em que o controverso Capitão Nascimento mostra a visão dos que estão em teoria “do lado da lei”. Essa narrativa do romance do Paulo Lins apontou um caminho que pode ser seguido, mas tudo depende de como esses temas são abordados. Em vista de que todo autor, em qualquer movimento literário seja ele do Romantismo, Arcadismo ou Naturalismo, tem que ter uma sensibilidade para não estigmatizar o pessoal daquela determinada comunidade retratada. E isso deu uma responsabilidade tamanha, ainda mais quando você faz parte daquela comunidade como Paulo, porque muitas vezes o tiro pode sair pela culatra. Pois, apesar de Zé Pequeno ser um sujeito vaidoso e gostar de sair na imprensa, há outros casos em que autores retratam o crime e não são receptivos. Um caso famoso foi tem um romance de Mário Puzo, em que o autor retratou o universo das 5 famílias mafiosas de New York, mas que, depois do sucesso da adaptação para o cinema, os mafiosos foram mais receptivos, e Mário Puzo teve que dar algumas explicações sobre quais criminosos inspiraram seus personagens. Muitas vezes as pessoas se esquecem que autores são livres e frequentemente concebem personagens “Frankenstein”, como o da autora Mary Shelley, onde ela monta os personagens com características que foram pinçadas de diferentes indivíduos. Por isso, criador e criatura vivem esse dilema de se sincronizar, para poderem se apresentar bem para o público e a crítica.

Se pararmos para analisar livros como Cidade de Deus e Tropa de Elite têm muitas características do Naturalismo, claro de cada no seu ambiente, mas cada um acabou tendo a influência do Naturalismo ao seu modo. Por exemplo, poderíamos dizer que os mesmos também beberam da fonte do Realismo Brasileiro, uma vez que

a obra retrata os acontecimentos mais improváveis do cotidiano. O Realismo surgiu como forma de oposição ao Romantismo. E, esse antirromantismo influenciou os autores realistas a rejeitarem a subjetividade e o sentimentalismo, além de recorrer a uma linguagem mais objetiva e analítica. Ademais, eles abandonaram o teocentrismo e privilegiaram o antropocentrismo, isto é, valorizaram a razão, que em princípio saía do destaque na literatura na virada do século. No Brasil, o Realismo também é caracterizado pela ironia, principalmente em relação aos costumes da burguesia, classe social celebrada pelos românticos e atacada pelos realistas. Paralelamente, o narrador realista faz uma crítica à sociopolítica, centrada nos acontecimentos contemporâneos, e analisa psicologicamente os personagens.

Em muitos aspectos, nós nos identificamos muito com aqueles personagens tipicamente brasileiros e com características tão marcantes do nosso povo. Devemos ver a narrativa do romance como um farol que joga luz a temas que eram e sempre serão agradáveis, mesmo na condição individual ou coletiva, uma hora isso deve passar, e não pode servir de muleta para que outros falem que não pode ser resolvido. É possível e necessário, pois só assim teremos um retrato mais fiel do Brasil renegado. Porque, se não realmente olharmos para o Brasil, nunca teremos um diagnóstico confiável. Assim, o que se pode dizer é que há muitos Brasil em um só. E, a mudança individualizada não traz prosperidade para todos que almejam mudar, esse modo de querer mudar resulta em desigualdade. Mas, cabe a alguém tomar a iniciativa, porque isso não é interessante para os políticos. O voto é buscado a cada dois anos, e até lá o crime organizado já entrou em todos os meandros das comunidades e faz-se necessário tomar uma solução. O próprio Machado de Assis, referência maior do Realismo Brasileiro, já apontava isso na sociedade brasileira, a elite não gosta do Brasil e nem quer resolver os problemas sociais para se fazer uma sociedade mais justa. Quem está no poder há 520 anos, jamais vai querer largar o osso. Os movimentos literários, que se caracterizam por descrever a realidade, ficam cada vez mais impressionados com a inspiração emitida pela população pobre do Brasil. Assim, escritores como Paulo Lins e Ferréz são acusados de “inventar o crime” ou exaltá-lo, sendo que muitas vezes esses autores no máximo diagnosticam a moléstia. ainda mais que nos últimos anos temos vivido uma polarização política exacerbada, e isso deve ser combatido de outro modo. A partir do exemplo das drogas na Cidade de Deus, em que elas começam a circular cada vez mais forte na

comunidade e logo as drogas seriam um problema de saúde pública, não da polícia, até porque essa guerra contra as drogas o mundo perdeu faz tempo.

Isso só mostra que, Machado de Assis com o Morro da Providência e Paulo Lins com a Cidade de Deus, o Brasil ficou em círculos, porque não é possível que em um país do tamanho do Brasil não se tenha avançado praticamente em nenhum ponto da parte social. Com o passar dos anos, as várias instabilidades políticas que foram assolando o Rio de Janeiro (que era capital federal até então) e o Brasil foram sendo feitas de um modo em que a pobreza se perpetuasse mais tarde também para o surgimento do crime organizado, que posteriormente, na junção de criminosos e policiais corruptos, hoje se forma a milícia que domina grande parte das comunidades do Rio de Janeiro, e esse mal exemplo se espalha pelo Brasil como um todo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Muito se fala no meio acadêmico de como de algum modo os escritores podem retratar a sua realidade para a população em geral, e isso só mostra que a literatura faz mais pelas comunidades do que o poder estabelecido. A CDD, como mostrou Paulo Lins, é maior que as drogas, as armas, os bandidos e a ausência do Estado. O Paulo na CDD e o Ferréz no Capão Redondo representam que a periferia tem força, e a literatura pode ser uma porta para essa libertação. Mas, o modo como isso é feito devia ser melhor assistido, porque não sabemos se amanhã não pode ser, se acontecer de novo? Quem será o novo chefe do morro, será um chefe assistencialista ou será um chefe brutal?

A literatura pode ajudar, mas não pode fazer tudo, e não são todos que podem ser artistas. Para ser um país justo, o Brasil deve oferecer oportunidades melhores para todos e isso nos leva a um só ponto de partida: a educação. Muito se fala a respeito, mas precisamos de um país onde estudantes carentes possam continuar na escola, e não a abandonem por precisar trabalhar, por exemplo. E muitos dos moradores da CDD são apenas cidadão comuns que querem uma chance de lutar com as mesmas armas das localizadas em áreas mais abastadas, por exemplo, e isso só pode ocorrer com investimentos constantes dos mesmos governantes que oprimem o povo. Isso é reflexo de um modo de pensar ainda muito retrógrado, pois com as mesmas chances e com combate correto sobre essa política antidrogas, muito sangue evitaria de ser derramado. Desse modo podemos dizer que a transformação passa pelo indivíduo para depois chegar na coletiva, pois a vida em sociedade exige isso. Da comunidade aos bairros nobres, todos deveriam ter suas chances, porque todos no fundo estão só buscando uma coisa: vá atrás do seu sonho, e no caminho encontre a sua felicidade.

REFERÊNCIAS

CÂNDIDO, Antonio. Dialética da Malandragem. **Revista do Instituto de Estudos Brasileiros**, [s. l.], n. 8, p. 67-89, 1970. DOI: 10.11606/issn.2316-901X.v0i8p67-89. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/rieb/article/view/69638>. Acesso em: 6 dez. 2021.

FERRÉZ. **Cidade de Deus**: texto especial para a nova edição do livro de Paulo Lins. Blog Ferréz Escritor, jul. 2013. Disponível em: <http://blog.ferrezescritor.com.br/2013/07/cidade-de-deus-texto-especial-para-nova.html>. Acesso em 6 dez. 2021.

LINS, Paulo. **Cidade de Deus**. 2. ed. São Paulo: Planeta, 2012.

ROCHA, Tatiana Rossela Duarte de Oliveira. **Cidade de Deus**: o arcaico e o moderno no romance contemporâneo. 2007. 150 f. Dissertação (Mestrado em Literatura) – Universidade de Brasília, Brasília, 2007.

SCHWARZ, Roberto. **Sequências brasileiras**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.